

Da janelinha para o janelão: relevância da primeira WEB TV bilíngue português/libras (TV INES) para o acesso à informação e à criticidade dos surdos

Rita Cassia Martins Costa Brito
Jacira de Sá Carvalho

INTRODUÇÃO

Cerca de 10 milhões de brasileiros (IBGE, 2010) possuem algum tipo de perda de audição e enfrentam, cotidianamente, barreiras para obter informações por fazerem parte de uma minoria linguística. Uma das dificuldades com as quais as pessoas surdas se deparam é o acesso à informação televisiva. Recursos como legendas e o trabalho de intérpretes na TV não seriam suficientes para compreensão da totalidade da mensagem, pois grande parte dos surdos não tem proficiência em Português e, ainda que os intérpretes utilizem a Língua Brasileira de Sinais (Libras), há sempre uma tradução e, assim, parte da informação pode se perder. A proficiência, aliás, há muito vem sendo um desafio, mesmo entre os ouvintes, já que “apenas um em cada quatro brasileiros domina plenamente as habilidades de leitura, escrita e matemática”, segundo o Indicador de Alfabetismo Funcional (INSTITUTO PAULO MONTENEGRO, 2012).

Aparelhos de televisão estão presentes em 97,1% dos 68 milhões de domicílios brasileiros (PNAD, 2016) e continuam sendo o veículo de comunicação preferido por 95% da população (INTERVOZES, 2017). Cresce, ainda, o número de telespectadores que acessam os tradicionais canais de TV via Internet em *smartphones*. Predominantemente, os canais de TV, via concessão pública, ressalte-se, são controlados por empresas e grupos que agem de acordo com seus interesses econômicos, políticos e religiosos. A concentração desse poder vem, historicamente, restringindo a diversidade de informações e suas abordagens, em vez de apostar na pluralidade promotora da democracia e da participação ativa em sociedade, expressão máxima de “cidadania” (CARVALHO, 2017) na atualidade.

Na perspectiva de democratização da informação, em 2013, o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES, 2018) criou a primeira WEBTV bilíngue no Brasil, em Libras e Português, ou seja, para surdos e ouvintes, a não utilizar o recurso da “Janela de Libras”, comumente conhecida como “janelinha” com o intérprete de Libras. A TV INES (2018) veicula programas que priorizam a Libras com o surdo em primeiro plano na tela, além de legenda e locução em Português em todos os seus produtos.

A produção da TV INES apresenta características técnicas particulares em relação a cenas, planos, sequências, cenário, posição de câmera, definição de pauta, divisão de espaço no vídeo, combinações dos elementos estéticos com os textuais, intertextualidade, aspectos técnico-estéticos, além de legendagem em toda a programação. No entanto, o aspecto mais relevante, em uma perspectiva de ampliação da comunicação, seria a *participação de pessoas surdas*, ao lado de ouvintes, possibilitando que atuem como coparticipantes desse processo.

O envolvimento de surdos nas diversas etapas de definição, produção e veiculação de conteúdos sugere integração a iniciativas e discursos de movimentos sociais e da acadêmica na América Latina, a partir dos anos de 1960

(SOARES, s.d.)¹ que defendem, por exemplo, o “protagonismo comunicativo dos sujeitos, independentemente de suas condições de idade, gênero, nível econômico ou posição social [...]”. São esforços que buscam, entre outras ações, “o exercício prático do direito universal à expressão”.

A produção e o acesso a informações plurais, que atendam especificidades de populações com necessidades especiais, podem ampliar a compreensão que esses sujeitos tem acerca da realidade, sobretudo por aqueles que desejam desenvolvimento de sua consciência crítica, capaz de provocar ações transformadoras de si mesmo, de outros e de realidades. Sendo provocado a “refletir sobre si mesmo e saber-se vivendo no mundo, o sujeito existente reflete sobre sua vida no domínio mesmo da existência e se pergunta em torno de suas relações com o mundo” (FREIRE, 1987, p. 53).

Nesse sentido, qual seria a relevância da TV INES para a ampliação do acesso à informação e criticidade pelos surdos que assistem a sua programação? Essa questão motivou uma pesquisa (BRITO, 2018) realizada por meio de visitas à TV INES, aplicação de questionários e realização de entrevistas em Libras em 2017. A seguir, apresentaremos um recorte da investigação, com foco na análise das entrevistas e questionários aplicados no INES.

TV INES PELA VISÃO DE SURDOS

A pesquisa envolveu 12 surdos trabalhadores e estudantes do INES. Com acompanhamento de um intérprete de Libras, foram aplicados questionários e realizadas entrevistas semiestruturadas individuais com sujeitos de variadas classes socioeconômicas e idade entre 18 e mais de 55 anos (seis do sexo masculino e seis do sexo feminino). As entrevistas foram filmadas com áudio, de modo

1 Essa seria uma das metas do paradigma educacional, que aposta na “criação e fortalecimento de ecossistemas comunicativos abertos e democráticos nos espaços educativos [...] levando ao fortalecimento do protagonismo dos sujeitos sociais e ao consequente exercício prático do direito universal à expressão” (SOARES, s.d.). Resaltamos, no entanto que, embora a TV INES pertença ao Instituto Nacional de Educação de Surdos, não pretendemos sugerir que a instituição atua sob esse paradigma, mas relacionar a iniciativa às propostas há muito desenvolvidas na América Latina.

a captar entrevistado, entrevistadora e intérprete e, assim, buscar garantir a visualização dos sinais feitos pelos dois últimos, resguardando as informações transmitidas em Língua de Sinais. O recurso da filmagem em vídeo com áudio objetivou, também, permitir que na fase das transcrições para a Língua Portuguesa Escrita (LPE), pudessem ser consideradas expressões faciais, corporais, posturas, bem como suspiros, lacunas de silêncio, risos dos entrevistados, entre outras manifestações tão representativas quando se trata deste público e que também foram considerados no momento da análise de conteúdo (BARDIN, 1977).

O grupo de entrevistados foi composto pelos seguintes convidados, de modo a considerar níveis diferentes de escolaridade:

- Pós-graduação *stricto sensu*: duas professoras pesquisadoras do Departamento de Ensino Superior do INES;
- Pós-graduação *lato sensu*: dois docentes e um técnico administrativo;
- Nível superior: prestador de serviço terceirizado;
- Nível médio: três discentes e um técnico administrativo; e
- Nível fundamental: um técnico administrativo e um discente.

A seguir, serão discutidos os principais achados da pesquisa.

Ainda que reconheçam a importância da TV INES para a ampliação e fontes de informação aos surdos, os participantes com nível de pós-graduação *stricto* e *lato sensu* não dependem da ofertada de informações em Libras, pois adquiriram domínio da LPE para alcançar essa titulação, lembrando que só mais recentemente alguns cursos passaram a ser ofertados em LS. Os demais surdos afirmaram ter dificuldade de compreender informações que não sejam apresentadas em Libras, necessitando recorrer a algum tipo de auxílio junto a amigos e familiares ouvintes ou a outros surdos.

Eu acho que ela [TV INES] esclarece e traz algumas informações porque é em LS, é bom também porque acaba um pouco a dependência da família, quanto mais informação menos você depende lá da família (S7 – Ens. Médio).

Eu acho que o dia que tiver essa mesma qualidade que a TV INES tem de dividir [a tela ampliando a imagem do surdo] para a compreensão, na TV aberta, eu assisto mais TV (S11 – Ens. Fundamental).

Eu acho que antes, com a coisa da janelinha, se perdia muito. Com a coisa de ser um espaço maior, ter o surdo, melhora o entendimento. Acho que agora é melhor que antes com relação a ampliação do espaço, amplia a mente também (S3 – Pós-graduação).

Esses sujeitos, que afirmaram compreender melhor informações quando essas são ofertadas em Libras, não mencionaram a TV INES quando questionados sobre suas fontes de informação. Seja por conta da variedade e volume de informações, seja pela disponibilidade de conteúdos também em LS, o *Facebook* aparece entre as fontes mais lembradas – a TV INES também possui uma página nesta rede social. Além de interagirem, os sujeitos buscam no *Facebook* conteúdos que atendam suas especificidades e culturas, por exemplo, pelo compartilhamento de vídeos em Libras produzidos por outros surdos.

Apesar de nenhum dos entrevistados apontar a TV INES como seu principal meio para se manter informado, dos sete entrevistados dos grupos dos Ensinos Fundamental, Médio e Superior, cinco apresentaram em suas falas dificuldades de acesso à informação antes da TV INES.

Não tinha informação, era difícil. Era difícil na televisão a questão da legenda, era complicado, tudo muito difícil. Quando a TV INES, a informação ficou mais clara, as informações chegam, você vê em Libras (S6 – Superior).

Antes, [da TV INES] teve uma fase que eu tinha muito pouco contato com a informação, a própria TV não tinha legenda, aí eu tinha muito contato com a minha mãe e eu pedia a ela pra me explicar (S7 – Ens. Médio).

Nada, ficava sem saber nada mesmo (S11 – Ens. Fundamental).

Televisão. Com a janelinha com intérprete às vezes não dava pra ver e entender muito bem não, aí eu acabava desistindo de assistir (S12 – Ens. Fundamental).

Para mais da metade dos entrevistados, a transmissão de informações em Libras seria determinante para a compreensão da informação, auxiliada, no caso da TV INES, pela exibição em primeiro plano na tela. A maior parte das respostas explicitadas quanto ao motivo pelo qual assistem à TV INES está relacionada ao formato desta TV, a visibilidade, com o surdo em primeiro plano (no janelão), o que potencializa a compreensão dos conteúdos exibidos:

Com a janelinha com intérprete às vezes não dava pra ver e entender muito bem não, aí eu acabava desistindo de assistir. Porque na hora ele parece que divulga mais, a gente tem um impacto maior com o que ele tá sinalizando, bom de saber, bom de ver, eu acho interessante, muito bom (S12 – Ens. Fundamental).

Muito boa a imagem da TV INES, é tudo em Libras, a gente consegue ver de uma forma bem clara. Lá as informações são preparadas, são apresentadas de forma clara em Língua de Sinais, a pessoa aparece de forma interessante (S6 – Superior).]

Eu acho legal ter a tela grande. Às vezes faz pequenininho e nem sempre tem né?, Por isso nem todo mundo usa, né? Parece que não desperta a atenção para os surdos. Quando a tela é grande parece que desperta mais. Eu acho importante um surdo na TV INES porque de alguma forma atrai mais surdo né? E também ele consegue dar mais visibilidade. Não tem tantos lugares assim com surdos em destaque. Porque a maioria dos ouvintes tem outra informação né, pela via auditiva. O surdo falta receber informação também visual. Então você ver uma pessoa que é igual a você, você sente que tem um canal de comunicação ali, é isso (S10 – Ens. Médio).

Eu gostaria que tivesse mais surdos sinalizando [na mídia] (S8 – Ens. Médio).

Identificou-se também a importância para os surdos de se verem representados pela exibição desses sujeitos na TV. Também a valorização da Libras, para além de ser a língua de fácil aquisição pelos surdos, que possibilita a comunicação, o acesso à informação e a transmissão de cultura, também representa a

afirmação dessas identidades surdas (DIZEU; CAPORALI, 2005; SILVA, 2010). A LS é “um dos principais elementos aglutinadores das comunidades surdas, [...] importantíssimos nos processos de desenvolvimento da identidade surda/de surdo e nos de identificação dos surdos entre si” (SÁ, 2010, p. 129).

A discussão acerca do acesso a informações *qualificadas*, no caso da pesquisa, envolve diferenças entre conteúdos transmitidos em LPE e por intérpretes de Libras nas “janelinhas”. Segundo Siqueira e Silva (2013, p. 5), “os surdos de nascença, por aprenderem a se comunicar primeiramente pela Libras (sua língua materna), têm grande dificuldade para aprender a língua portuguesa escrita”. A relevância da Libras para surdos, segundo Ramos (2013, p. 22), “deve-se também ao fato de esses sujeitos perderem durante sua vida as informações passadas pela oralidade ou pela escrita, tão difícil para eles”. O uso de legendas pode resultar na perda pelos surdos de parte do conteúdo, mesmo entre os que dominam a LPE, pois, entre outras razões, há a necessidade de se fazer uma leitura rápida por conta da velocidade de exibição.

No que diz respeito a informações em Libras transmitidas por intérpretes, cuja profissão vem ampliando as oportunidades de inclusão dos surdos, seria necessário considerar que, por aparecerem em um plano menor (a “janelinha”), os surdos teriam dificuldades de captar expressões faciais e movimentos do corpo, elementos importantes para compreensão da mensagem. Haveria diferenças entre o uso da LS por um nativo (pessoa surda) e por um ouvinte (intérprete), afinal, o profissional interpreta significados, “os quais as pessoas surdas podem entender como possuidoras de diferenças culturais que ultrapassem o mero processo de traduzir palavras faladas por gestos” (GEDIEL, 2010, p. 106). E quando a interpretação é simultânea, o profissional não tem acesso prévio ao conteúdo para poder se preparar, com o risco de que a tradução pode fuja ao discurso original (MARCON, 2012).

Ao se considerar um discurso como um efeito de sentido entre os interlocutores, fica evidenciado o quanto do intérprete está presente na interpretação. Ou seja, “entre uma língua e outra há um sujeito que atribui sentidos em uma língua e tenta constituir sentidos em outra. Entende-se [...] que a linearidade da linguagem é uma ilusão” (GUARINELLO et al, 2008, p. s/n.). Nesse processo

com a tríade locutor – intérprete – surdo, muito pode se perder. A transmissão de uma mensagem mais próxima de seu conteúdo original depende não só da técnica de interpretação, mas também da perspicácia e sensibilidade do intérprete, incluindo sua cultura, seus valores e compreensão de conceitos que podem influenciar a interpretação em Libras. Há, ainda, a questão da ética, da confiança, do controle emocional no momento da interpretação que, quando ausentes, podem ocasionar problemas tais como omissão, usos errados da expressão facial, equívocos de compreensão dos termos a serem traduzidos/interpretados, falta de domínio sobre o assunto, fatores esses que influenciam e distorcem a interpretação (SANTOS, 2006).

Questionados sobre eventuais diferenças entre conteúdos transmitidos por intérpretes e por surdos, apenas dois entrevistados não veem diferenças, sendo determinante, na opinião deles, a qualidade do uso da LS. Para um entrevistado com Pós-graduação, a qualidade é a mesma quando o intérprete tem acesso prévio ao material a ser interpretado/traduzido, e para o outro com Ensino Médio “não tem diferença, depende da qualidade da Língua de Sinais do surdo ou da LS do intérprete” (S9). Os demais entrevistados, independentemente do nível de escolaridade, se manifestaram quanto à existência de diferença entre o uso da Libras por um intérprete ou por um surdo, por fatores que sugerem relação com:

a) Identidade e Língua natural:

Tem sim uma diferença. O surdo tem uma identidade, é sua língua natural, então flui mais. Com o intérprete às vezes fica um pouco diferente sim. Mas não é igual, não tem como ser 100% porque a Libras com o surdo realmente é diferente. (S6 - Superior).

Na minha opinião é diferente. Diferente porque quando um ouvinte fala a Língua de Sinais normalmente ele tá traduzindo do Português e quando o surdo tá falando em LS ele tá se comunicando. De alguma forma é a primeira Língua dele, aí inverte, né, a primeira Língua do ouvinte e a primeira Língua do surdo (S10 – Ens. Médio).

[...] o surdo tem uma certa autovisão sobre o que seria uma propriedade do “ser surdo” que ele consegue transmitir a informação diferente do intérprete ouvinte [...] existe um jeito de criar contexto de que é próprio de quem está imerso na cultura surda e tem alguns intérpretes que não conseguem fazer isso [...] É diferente (S2 – Pós-graduação).

Eu percebo que tem uma diferença, quando tem um surdo e a gente entra em contato direto com ele apresentando a informação [...] No caso dos intérpretes, quando o intérprete é muito profissional e de muita qualidade é a mesma coisa, eu sinto que é igual. Mas quando não é assim é difícil porque falta contexto pra sinalização (S7 – Ens. Médio).

b) Estruturação e expressão da mensagem:

[...] a forma de construir de um surdo é mais clara, por que parece que ele sabe a forma diferente que os outros surdos entendem, mas eu acho que questões de pronúncia, sinalização, acesso à informação é semelhante. A construção da explicação é que eu acho que difere [...] Algumas coisas que eu acho que os intérpretes perdem é quando existe a apresentação de um conceito. Um surdo que tenha ambientação, que já tinha experiência enquanto pessoa surda de ter compreensão daquilo, de ter compreensão daquele conceito, de conceito semelhante, ele vai fazer uma construção para construir o discurso dele pensando nessa experiência. O intérprete não teve essa experiência, então eu acho que se o intérprete for uma pessoa na verdade cuja estratégia de ambientação foi muito clara, que se alimenta de coisas da comunidade surda pra fazer esse tipo de construção e tem costume ele vai conseguir também (S4 – Pós-graduação).

[...] a Língua se estrutura de maneira diferente, estrutura de frase, a prosódia é diferente, a forma de expressão facial, expressão cor-

poral dos surdos é completamente diferente da dos ouvintes (S1– Pós-graduação).

É diferente, por que os ouvintes quando interpretam, eles não têm tanto expressão facial, eles ficam mais sérios, os surdos se articulam muito [...] o intérprete geralmente [...] não tem muita expressão facial para transmitir a ideia se isso é bom ou ruim, na LS isso é um pouco diferente (S8 – Ens. Médio).

Como exposto, dez dos 12 participantes da pesquisa veem diferenças entre conteúdos transmitidos por intérprete e por surdo, considerando que a compreensão da informação seria maior quando transmitida por profissionais surdos por conta de características relacionadas à identidade e Língua natural, além da forma de estruturação e expressão da mensagem. Para além de melhor compreensão, programas apresentados por surdos ampliariam a visibilidade desses sujeitos na sociedade, contribuindo, em última instância, para seu empoderamento. Um outro ponto das entrevistas focou a programação da TV INES. Verificou-se que independentemente do nível de escolaridade, a escolha dos tipos de programas recai sobre aqueles com informações jornalísticas e/ou de cunho pedagógico, que explicitamente teriam o objetivo de contribuir para melhor compreensão das realidades. É expressiva a ocorrência de motivos para a escolha vinculados à necessidade de informação.

O aprofundamento do conhecimento do que se passa no mundo, das relações de poder, potencializaria o desejo de agir visando graus maiores de inclusão. Com exceção de dois sujeitos (S2 e S4) com pós-graduação, que buscam informação primeiramente em outros meios, dez entrevistados apontaram a contribuição da TV INES para o desenvolvimento da criticidade, explicitando motivos que sugerem relação com reflexão, autonomia, mudança de atitude e maior compreensão da realidade.

Muitas coisas que eu não sabia e acabo vendo, aí eu falo assim: “Nossa!” Coisas até que me surpreendo, acho diferente do que eu sabia, coisas que até a gente já viu, meio que viu alguém falar assim, mas não tão profundo e aí quando alguém coloca uma questão

histórica aí você aprende e isso ajuda né? [...] eu, por exemplo, tenho filhos, então pensar em certas coisas como contratação, emprego, vida funcional já me preocupa em relação aos meus filhos, como eles vão viver, então essas informações me ajudam muito. Sem essas informações como a gente se planejar, se preocupar com o futuro? (S3 – Pós-graduação).

Sem dúvida traz independência pra vida porque permite que a gente aja mais, sei lá se você sabe que aumentou o salário você vai lá e vê quais os seus direitos de receber mais também e aí você fica com uma vida igual das outras pessoas que tem mais informação por que você sabe da variedade de coisas que tá acontecendo (S7 – Ens. Médio).

Sim, essas questões políticas é o que mais fala na TV INES. Essa situação que estamos vivendo no Brasil de corrupção, mensalão, essas discussões todas que acontecem por aí, como o caso da Petrobras, coisas que eu não conhecia, que apresentava e eu: “que isso?” Aí na TV INES essa informação deixou mais claro que tava sendo negativo [...] Então essas informações são boas então divulgam bastante [...] (S6 - Superior).

Sei lá, eu acho que os surdos desenvolvem muito ao saber dessas coisas, e também se assustam [...] por que antes quando não tinha a TV INES, não tinha nenhum tipo de programação desse tipo, parece que a vida estava no mesmo lugar, a gente tinha os mesmos acessos, as mesmas coisas. Acho que a partir da criação da TV INES criou um foco de discussão (S5 – Pós- graduação).

Essas discussões, quando elas são colocadas, é bom por que a gente fica pensando (S11 – Ens. Fundamental).

Desta forma, pode-se inferir que a maioria dos surdos da amostra associa o acesso à informação qualificada, nos termos deste trabalho, a uma compreensão maior de política, de “como os filhos vão viver”, dos problemas do País, tal

como brasileiros ouvintes. Sugerem que tem suas leituras ampliadas e, portanto, a TV INES teria relevância para o processo de criticidade deles.

Informações qualificadas, como as transmitidas pelo canal, contribuiriam para melhor compreensão do conteúdo, potencializando reflexão e ação a partir deles. Isso não significa afirmar que a problematização da realidade na qual os surdos estão inseridos dependa de informações da mídia. Mas seria preciso reconhecer que a maioria delas não pode ser obtida de outra maneira. Essa discussão sinalizaria, ainda, a complexidade da questão da “inclusão tecnológica” (CARVALHO; FERREIRA, 2018), para além da simples posse e/ou acesso a conteúdo via artefatos digitais e conexão em rede.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apresentada neste capítulo expõe a relevância de conteúdos audiovisuais produzidos *por surdos e para surdos* como um caminho que favoreceria o processo de criticidade e ação desses sujeitos no mundo. Informações que contam com o envolvimento de surdos nos processos de produção e veiculação “carregariam” consigo características relacionadas às identidades dessa população e língua natural, além de formas próprias de estruturação e expressão da mensagem, contribuindo para melhor apreensão das mensagens pelos que a recebem.

Sobretudo, a produção e transmissão de informações *pelos e para* surdos sugere que a mudança de “plano” na tela, com a ida do surdo para o “janelão” confere visibilidade a esses sujeitos “invisíveis” na sociedade e suas culturas. A metáfora da janela expõe tanto a necessidade de aparecer para o mundo quanto de ampliar a do que se passa no mundo. O envolvimento de surdos na elaboração, assim como de atendimento às especificidades dessa população, sugere uma iniciativa de busca de efetivação de direitos.

O direito de emitir e de receber informações plurais vem sendo associado à liberdade de expressão em diversos documentos produzidos por instâncias internacionais. No entanto, análises do serviço de radiodifusão brasileiro explicita a restrição a esse direito por meio da concentração da concessão pública a poucos grupos, mas não somente. Como aponta Ferreira (2015, p. 41), a Rela-

toria Especial para Liberdade de Expressão da Comissão Interamericana da Organização dos Estados Americanos (OEA) vem manifestando sua preocupação, não apenas quanto ao caso brasileiro, enfatizando a necessidade de adoção de medidas para “garantia do pluralismo nos meios de comunicação como expressão da democracia”. Estabeleceu, assim, três elementos para serem analisados quando se observa essa garantia “no exercício da liberdade de expressão: a) pluralismo de vozes [...]; b) diversidade de vozes [...]; c) a não discriminação”.

Ainda que grandes grupos também ocupem o “espectro” da Web, e cada vez mais sejam expostas restrições à liberdade também nesse espaço, ainda há “janelas” a serem utilizadas para expandir o direito de expressão e de atendimento às especificidades das populações. A TV INES sugere ser uma dessas iniciativas.

Referências

- BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BRITO, R. de C. M. C. Da janelinha para o janelão: relevância da primeira WebTV bilíngue português/libras - TV INES - para o acesso à informação e à criticidade dos surdos. 2018. 191 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro/RJ, 2018.
- CARVALHO, J. de S. Uma concepção de cidadania (planetária) para formação cidadã. INTER-AÇÃO, v. 42, p. 105-121, 2017.
- CARVALHO, J. de S.; FERREIRA, G. Inclusão tecnológica. In: MILL, D. (Org.). Dicionário crítico de Educação e Tecnologias e de Educação a Distância. 1ed.Campinas, SP: Papirus, 2018, v. 1, p. 336-339
- DIZEU, L. C. T. D.; CAPORALI, S. A. A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito. Revista Educação e Sociedade, Campinas, v. 26, n. 91, p. 583-597, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 28 jan. 2017.
- FERREIRA, Q. K. Pluralismo e diversidade no Rádio e TV brasileira sob a perspectiva dos padrões internacionais de direitos humanos. In: LAGO, C.; VIANA, Ed. (Org.). Educomunicação: caminhos da sociedade midiática pelos direitos humanos. São Paulo, ABPEducom/ NCE-USP / Universidade Anhembi-Morumbi, 2015.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GEDIEL, A. L. B. Falar com as mãos e ouvir com os olhos? A corporificação dos sinais e os significados dos corpos para os surdos de Porto Alegre. 2010. 292 p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2010. Disponível em:

<<http://hdl.handle.net/10183/78198>>. Acesso em: 28 mar. 2016.

GUARINELLO, A. C.; et al. O intérprete universitário da Língua Brasileira de Sinais na cidade de Curitiba. Revista Brasileira de Educação Especial, v.14, n. 1, Marília: Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial – ABPEE –, jan./abr. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382008000100006>. Acesso em: 04 fev. 2017.

INES – INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/ines>>. Acesso em: 08 ago. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Censo

Demográfico 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0&cat=-1,-2,-,128&ind=4643>>. Acesso em: 29 abr. 2016.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. Inaf 2011/2012 - Instituto Paulo Montenegro e Ação Educativa mostram evolução do alfabetismo funcional na última década. Disponível em: <<http://bit.ly/1PLBeAg>>. Acesso em: 29 mar. 2017.

INTERVOZES – Coletivo Brasil de Comunicação Social. Pesquisa irá monitorar os proprietários da mídia no Brasil. Disponível em: <<http://intervozes.org.br/>>. Acesso em: 08 ago. 2017.

MARCON, A. M. O papel do tradutor/intérprete de libras na compreensão de conceitos pelo surdo. ReVEL, v. 10, n. 19, 2012. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br/files/644681b81f2cb-7f90f93b613729ef637.pdf>>. Acesso em 28 fev. 2017.

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – Síntese de indicadores – 2016. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em:

<<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98887.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2017.

RAMOS, M. I. B. B. Audiovisual em Libras: os sentidos construídos por professores sobre o vídeo “sinalizando a Sexualidade”. 2013. 132 p. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Saúde) – Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://minerva.ufrj.br>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

SÁ, N. R. L. de. Cultura, poder e educação de surdos. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

SANTOS, S. A. dos. Intérprete de Língua Brasileira de Sinais: um estudo sobre as identidades. 2006, 198 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em:

<<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/90455/243129.pdf?sequence=1>>.

Acesso em: 02 mar. 2017.

SILVA, M. do S. E. da. Um olhar sobre a identidade surda. Anais do Fórum Nacional de Crítica Cultural 2 - Educação básica e cultura: diagnósticos, proposições e novos agenciamentos. Bahia: Uneb, 18 a 21 de novembro de 2010. p. 272-279. Disponível em:

<http://www.poscritica.uneb.br/anais-eletronicos/trabalhos_completos.php>. Acesso em: 17 jul. 2017.

SIQUEIRA, A. C. B.; SILVA, C. de P. Dar voz a quem não é ouvido: barreiras enfrentadas pelo surdo no acesso à informação televisiva. Cadernos da Escola de Comunicação do Centro Universitário Unibrasil – Edição Especial: Anais IX Ciclo de debates sobre jornalismo da Unibrasil, Paraná, 2013.

SOARES, I. de O. Conceito [educomunicação]. Disponível em: <<http://www.abpeducom.org.br/educom/conceito/>>. Acesso em: 20 set 2018.

TV INES. Disponível em: <<http://tvines.org.br>>. Acesso em 29 jun. 2018.

Sobre as autoras

Rita Cassia Martins Costa Brito - Possui graduação em Comunicação Social e mestrado em Educação pela UNESA, com dissertação que deu origem a este capítulo. É pós-graduada em Comunicação Pública pela Universidade Gama Filho, onde também investigou “A comunicação como instrumento de acessibilidade aos serviços públicos básicos para surdos”. Ocupa o cargo de produtora cultural do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), no Rio de Janeiro, onde mora. E-mail: ritamartins2001@hotmail.com

Jaciara de Sá Carvalho - Professora adjunta no Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESA, no Rio de Janeiro, e pesquisadora do Grupo de Pesquisas em Tecnologias de Informação e Comunicação nos Processos Educacionais (TICPE). É doutora e mestre em Educação (USP), especialista em Gestão de Processos Comunicacionais (ECA/USP) e bacharel em Comunicação (PUC-SP). Trabalhou no Terceiro Setor em projetos envolvendo comunicação e educação com perspectivas aproximadas à educomunicação; por exemplo, no período em que coordenou o setor de EaD do Instituto Paulo Freire [2010-2012]. Suas pesquisas envolvem a inter-relação das seguintes temáticas: educação, tecnologia, Paulo Freire, comunicação e cidadania. Integra a (nascente) “Rede Internacional de Pesquisas Críticas em Educação e Tecnologia”. Mora em Niterói (RJ). E-mail: jsacarvalho@gmail.com